

AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E A PRODUÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL



Marcos Daou

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – Brasil

Neuza Maria de Fátima Guareschi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Brasil

Marcos Adegas de Azambuja

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – Brasil



Resumo

Este artigo tem por objetivo mapear como as práticas com a bola foram sendo apropriadas em diferentes recortes temporais para a produção do futebol como é estruturado na sociedade contemporânea. Para o entendimento da formatação e construção do futebol e de seus praticantes baseou-se em uma análise de inspiração genealógica foucaultiana. Como parte dos resultados, foi possível perceber como os discursos político-econômico-sociais contribuíram para a produção do futebol perpassando a esfera atlética e se imbricando em diretrizes executivas governamentais. Da mesma maneira, o atleta se configura em um sujeito com múltiplas especialidades para dar conta das exigências envolvidas nos deveres produzidos pelo discurso da profissionalização.

Palavras-chave: Futebol. Profissionalização. Genealogia.

Este artigo tem por objetivo mapear como as práticas com a bola foram sendo apropriadas em diferentes recortes temporais até se configurar na maneira de se olhar para a produção do futebol¹ como é estruturado na sociedade contemporânea. Neste sentido, busca-se delinear, também, como, em diferentes momentos históricos, foram se produzindo os sujeitos jogadores desse esporte. Fez-se uso de uma análise de inspiração genealógica foucaultiana para o entendimento da formatação e construção do futebol e de seus praticantes.

Partir de um pressuposto genealógico para análise dos fragmentos distribuídos no tempo e no espaço, conforme descrevem Foucault (2005a) e Silva (2004) é pensar sobre os objetos com o enfoque de uma não naturalização, ou seja, é pensar em um processo, algo construído, relativo àquilo que tem suas verdades nomeadas por discursos e práticas inscritos em tempo e espaço delimitados. É no estudo das relações sociais, dos discursos, da produção dos saberes e poderes que a genealogia se apropria e se faz útil no entendimento dos processos de subjetivação. A partir desse olhar, o futebol como objeto de estudo não existiu desde sempre, nem de um mesmo modo, mas foi se construindo por meio de práticas de significações culturais, em diferentes momentos históricos. Assim, o objetivo é mostrar como, com diferentes práticas, o futebol foi sendo apropriado e constituído.

O campo conceitual de subjetivação cunhado por Foucault (2005a) é uma perspectiva que afirma que a subjetividade é engendrada, produzida pelas redes e campos de força sociais. Nesse sentido, entende-se o sujeito não como essência ou natureza, mas como um modo de produção. As práticas com a bola e suas configurações para o que hoje denominamos futebol serão demarcadas pela forma como indivíduos e coletividades se constituem como sujeitos em certo regime e formação histórica, na relação entre saberes e poderes.

Destacamos, ainda, a importância da noção de biopoder como operador conceitual para a análise das práticas com a bola. Junto com ele, inevitavelmente, incluem-se as tecnologias disciplinares e operações biopolíticas estudadas por Michel Foucault (1983, 2003). É em meados do século XVIII que podemos considerar, na história da sociedade ocidental, a passagem de um poder soberano para um poder que se faz sobre a vida. Estava se partindo para uma nova economia política, que, por um lado, desenvolve e sustenta técnicas e procedimentos disciplinares por meio de instituições e especialistas, como hospitais, prisões, escolas. É no corpo que se iniciam as tecnologias disciplinares, sendo ele analisado e separado em suas partes por campo disciplinar, como a medicina, a pedagogia e o exército, que vão estudar a utilidade, o controle e o aperfeiçoamento da maquinaria humana. Ou seja, há uma intenção voltada para a produção de corpos dóceis e úteis à sociedade (DREYFUS; RABINOW, 1995). Por outro lado, essa nova política da vida, além de investir sobre os corpos em nível individual, também se materializa sobre a população, isto é, o manejo e a regulação da espécie humana. Os perfis epidemiológicos, as estatísticas, os limites das regiões, os planejamentos das cidades, enfim, a gestão da vida, da qualidade biológica, é uma necessidade que se cria para investir sobre a população em seu conjunto.

Outro aspecto importante do biopoder para uma maior apropriação da análise que se segue, refere-se à obra “O nascimento da biopolítica” (FOUCAULT, 2008), no sentido da constituição do sujeito como empresário de si mesmo. O entrelaçamento entre a lógica neoliberal e os corpos dos sujeitos, que vai se fortalecendo a partir dos processos de industrialização da sociedade ocidental, torna a vida um tipo de capital a ser investido.

Já que, para que as formas-empresa possam se generalizar, se difundir por toda a sociedade, faz-se necessário que a própria vida individual passe a ser percebida pelo sujeito como um tipo específico de capital; um capital que se acumula na forma de uma melhor aptidão, de uma melhor capacidade, de uma melhor competência para se auferir no futuro uma determinada remuneração, ou seja, faz-se necessário um investimento em si por si nos moldes de um capital humano para que o sujeito torne-se competente o bastante para auferir uma renda no espaço emoldurado da concorrência artificialmente criado pela ação governamental (AMBRÓZIO, 2012, p. 58).

Damo (2005) afirma que elevar o berço do futebol profissional a um ponto comum é delicado devido ao fato de ser um processo em constante construção e consolidação. As significações acerca do que é ser profissional no futebol são constantemente modificadas, assim como as configurações sobre como se joga esse esporte. A cada dia, saberes e poderes se agregam para atribuir características e maneiras de ser profissional. Desta forma, não nos ateremos sobre as origens, mas sim, sobre rupturas, os interstícios da história que contribuíram para que o futebol e o profissionalismo desse esporte fossem se construindo.

O trabalho está estruturado em três sessões de análise, nas quais se tornam visíveis as práticas extraídas dos documentos utilizados para a realização do estudo. Como estrutura geral, apresentaremos, no início de cada sessão, os conceitos foucaultianos identificados dos materiais selecionados; para em um segundo momento, ao longo de cada sessão, discutir e analisar os efeitos e produções advindas desses.

Primeiras configurações: a prática com a bola

Como ponto de partida, podemos eleger como importante marco para a produção de práticas e sujeitos que jogavam com a bola, o período da Revolução Industrial Inglesa, ocorrido no século XVIII. No entanto, não seguindo uma lógica linear e evolutiva sobre a história das práticas com a bola, delineamos pontos de rupturas dispersos na história que entendemos contribuir para constituição do futebol praticado na atualidade, quais sejam: a prática chinesa *Kemari*; a *Epyskiros*, da Grécia antiga; *Haspartu*, praticada em Roma e o *Gioco del Calcio* alastrado pela Itália. Para pensar essas práticas em suas relações de saber e

poder, tomamos como materiais de análise os trabalhos de Voser et al. (2005); Voser (2006); Costa (1999); Guedes (1998); Zainagui (1998).

De origem militar, a prática chinesa *kemari*, datada de 2500 a.C. (GUEDES, 1998; VOSER et al., 2005), teria como principais características o domínio técnico sobre a bola para mantê-la no ar, sem tocar o solo, e o senso de coletividade devido ao fato de necessitar que diferentes pessoas se envolvessem na atividade. O campo de produção de sujeito e configuração desta prática é apropriado por militares, jogada nos tempos livres dos embates, com característica de diversão, e, ao mesmo tempo, a exigência de uma racionalidade para a conformação do jogador. Era necessário o recurso técnico de golpes com partes do corpo, como a cabeça, o quadril e os pés para fazer a bola permanecer no ar. O desenvolvimento do jogo com os pés atribuiu uma maior complexidade dos recursos corporais ao controle da bola pelos seus jogadores.

Contribuindo com outra forma de apropriação da prática, na Grécia antiga, o *epyskiros* (COSTA, 1999) foi responsável pela emergência da competitividade e da separação do jogo por equipes. Com a separação de duas equipes para a prática foi instituído um sistema de pontuação, responsável por identificar a vencedora dos embates. Esse sistema consistia em passar a bola por uma zona delimitada na extremidade do espaço de jogo defendido pela equipe adversária. Além de ser praticada com pés e mãos, o *epyskiros* contribuiu para a formalização da questão competitiva na prática com a bola. Com a emergência de um sistema de pontuação, foram criadas possibilidades e estratégias na forma de jogar. As equipes passaram a escolher os seus representantes de acordo com o nível de excelência de prática. A competitividade entre os jogadores passou a acirrar o desenvolvimento e a preparação técnica, tática e atlética para o campo. Produziu-se, assim, o discurso de que ganha quem fizer mais pontos e, para fazer pontos, tenho que ser melhor do que o outro. Soma-se, assim, a habilidade de cada sujeito com a possibilidade de preparação para ganhar.

O *haspartum*, na Idade Média, constituiu-se em uma prática que fez emergir as especialidades e especificidades em campo de jogo, especialmente entre militares (VOSER, 2006). Exigiu-se a formatação tática entre os defensores, que eram sujeitos com físico avantajado, que tinham como objetivo evitar, de qualquer forma, que os atacantes da equipe adversária atravessassem a linha de gol. Utilizavam a força bruta, contando com golpes, empurrões e socos para a execução da função de proteção da sua área. Os jogadores localizados entre os atacantes e os defensores apresentavam uma característica híbrida, contando com força bruta, para impedir o time adversário de progredir no campo, porém, da mesma forma, possuíam velocidade e habilidade refinadas para conseguir conduzir a equipe

até o ataque para pontuar, ou deixar os atacantes em uma situação privilegiada para pontuar. Os atacantes tinham como principais características a velocidade para correr com a bola e aproximar-se da linha de gol, a agilidade para fugir da marcação dos defensores adversários e a objetividade para enfrentar e as adversidades das situações e conseguir marcar os pontos para a equipe. De princípios semelhantes ao *epyskiros*, essa modalidade praticada em Roma contribuiu para a produção de sujeitos com determinadas características para desempenhar funções específicas. Participam da equipe os sujeitos com as habilidades requeridas pelas posições.

Fundamentando-se nas particularidades do *haspartum* em Roma, Zainaghi (1998) refere que outra atividade esportiva que corria em paralelo na Itália denominada *calcio* ou *gioco del calcio*, propiciou pela primeira vez o aparecimento de aspectos políticos na condução, preparação e entendimento do jogo. Essa manifestação esportiva está relacionada a um momento cultural vivenciado na cidade de Florença. Para definir quem assumiria o poder sobre ela, decidiu-se por uma partida na qual o vencedor entre grupos políticos adversários iria governá-la. Sendo assim, o jogo com a bola imbrica-se com a política e favorece a uma decisão político-governamental de controle da cidade e de interesses.

Até este momento da análise, foram evidenciados a relação entre saberes sobre a forma de jogar com a bola e poderes sobre os corpos dos jogadores que determinam indícios de conjuntos estratégicos na organização do jogo de futebol na contemporaneidade. Primeiramente, a racionalidade militar e a lógica da guerra com base na coletividade perpassam as práticas com bola. É definida a estruturação de um plano tático e a função de cada jogador para derrotar o inimigo. Em segundo lugar, as práticas com a bola se tornam uma competição e, com isso, o aprimoramento das valências físicas, técnicas e táticas são requisitos necessários para o jogador. Com isso, o refinamento sobre as qualidades do jogador e o conhecimento específico da posição em que se joga passam ser condição basilar para as práticas com bola. Finalmente, a prática articula-se, para além do entretenimento ou atividade de tempo livre, ao âmbito político, quando o Estado ou outros setores se apropriam do jogo como mais uma forma de definição de território e de governo.

Diante disso, passamos a pensar as práticas com bola a partir da Revolução Industrial inglesa, ocorrida no século XVIII, importante marco para a produção de estrutura de sociedade que pautou a partir do rendimento e desempenho, as caracterizações classistas de posse e maneira de ser (ARRUDA; PILETTI, 1997). A consolidação e a regulamentação do futebol moderno estiveram diretamente envolvidas com a estrutura social inglesa, originada a partir da configuração ocasionada pela pós-Revolução Industrial.

Movimentos de regulamentação do esporte do futebol

Esta sessão se constitui na análise do processo de transformação das práticas esportivas com a bola para a regulamentação e legitimação do esporte do futebol. Serão discutidos os efeitos dos investimentos técnicos, políticos, econômicos e disciplinares sobre os corpos dos trabalhadores que repercutiram no processo de profissionalização do futebol; assim como as medidas pedagógicas utilizadas pelo governo inglês, que acabaram por produzir a disseminação do esporte no país por intermédio da escola; e, por último, os movimentos de regulamentação e conformação de uma instituição responsável por legitimar o esporte como uma profissão. Para tais constatações, foram explorados e analisados os documentos de Caldas (1990); Giulianotti (1999); Guedes (1998); Máximo (1999); Voser (2006); Zainaghi (1998).

O futebol, conforme descreve Máximo (1999), tem sua regulamentação na Inglaterra no século XIX. Além da emergência e configuração das práticas esportivas surgidas até então, somaram-se ao processo de regulamentação do futebol algumas consequências da Revolução Industrial. Os movimentos de segregação de classes (burguesia e proletariado), o uso do discurso pedagógico pelo governo inglês e as ligas amadoras do futebol de fábricas tiveram muita importância no caminho da regulamentação desse esporte.

Com a Revolução Industrial, organizaram-se os direitos dos trabalhadores, como a jornada de trabalho, as leis, o descanso, estabelecendo-se, dessa maneira, a apropriação e a configuração do tempo livre como direito dos funcionários. O futebol, que era praticado nos momentos livres como forma de lazer pelos funcionários, passou a ser utilizado como manobra de governo para estancar possíveis reivindicações dos trabalhadores. Como as reuniões sindicais ocorriam aos sábados à tarde, os donos do poder, querendo evitar transtornos e divergências por parte dos trabalhadores, passaram a organizar competições e treinamentos para os funcionários pertencentes aos times das fábricas nos finais de semana. Dessa forma, além de evitar as reuniões sindicais, manteriam os funcionários contentes por estarem praticando o esporte que cada vez mais se consolidava e se disseminava (CALDAS, 1990). Ou seja, o futebol assume o papel de prática de lazer, instituído nos intervalos da jornada de trabalho, porém também já é apropriado pelo governo como manobra política de fortalecimento do estado e da nação.

Outro fator importante produzido pela revolução industrial para a prática com a bola, conforme afirma Guedes (1998), foi a formatação de medidas disciplinares para coibir a

violência no esporte. Visando estancar a baixa produtividade e as lesões que estavam acontecendo com os praticantes (trabalhadores), os responsáveis pela liga das fábricas instituíram as faltas como penalidades para produzir uma prática menos violenta e desgastante. A disciplina que passou a vigorar no esporte, derivada da necessidade de proteção corporal dos funcionários para evitar cansaço e lesões, visando a aumentar a produtividade, fez com que o jogo se configurasse nos moldes sociais. O discurso neste momento era de que com sujeitos saudáveis, a economia cresceria, eles produziram melhor, e continuariam praticando o jogo por mais vezes, mantendo-se felizes.

Sendo assim, a formalização das regras para prevenir contusões e os horários das partidas para evitar reivindicações foram algumas das atitudes na organização burguesa do futebol para os trabalhadores e que disciplinaram a conduta corporal dos jogadores. Dessa forma, a atenção ao corpo é responsável pela regulamentação da maneira de praticar o futebol e contribui para a emergência de regras que limitam a violência no esporte.

No entanto, o futebol também foi utilizado como estratégia pedagógica para a constituição da prática e a subjetivação dos jogadores. Máximo (1999) descreve que foi a liberação do esporte nas escolas, por parte da rainha Vitória, aconselhada pelo pedagogo britânico Thomas Arnold, a responsável pela disseminação da prática e aproximação social entre as classes. O futebol, que estava associado ao proletariado e era considerado pela burguesia como prática violenta e rebelde, a partir do discurso da rainha, fez com que por meio das escolas houvesse uma aproximação de classes e de formação de cidadãos com direitos igualitários. O esporte, então, pode polir-se e educar-se, dentro das escolas, como uma prática na formação dos alunos ingleses da época. A partir desse discurso político, o futebol ficou atrelado à educação do povo, diminuindo as distâncias econômico-sociais. Ou seja, foi possível tornar o esporte um unificador social e o caminho inicial utilizado foi o da educação pelo esporte.

Um fator preponderante para constituir o futebol, diferenciando-o do *rugby* e outras práticas com a bola, conforme menciona Voser (2006), foi a criação, na Inglaterra, em 1863, da *Football Association*. Esse órgão ficou responsável pelo controle de jogadores, das leis, da efetivação das regras e da organização das competições criadas em toda a Inglaterra, afirmando uma articulação política com o objetivo de coordenar e regularizar campeonatos, atribuindo ao futebol um patamar de legitimidade no país. Assim, a prática do futebol passa a ser reconhecida como qualquer outra profissão. Os jogadores passam a receber quantias monetárias pelas partidas realizadas, são submetidos à disciplina atlética corporal, elevados a

representantes de instituições, cidades, nação e vêem suas carreiras perpassadas por interesses políticos, sociais, econômicos e culturais.

A propagação do futebol se deu por meio de jogos de exibição, viagens e imigrações. Zainaghi (1998) relata que, assim como na Inglaterra, em outros países o futebol também passou a atrelar-se e institucionalizar-se com a formação de clubes amadores nas equipes de fábricas, nas escolas e nas universidades. Espelhando-se na *Football Association*, cada país estruturou um órgão federativo para regulamentar e gerir o futebol.

Como amistosos e jogos de exibição entre equipes de países distintos estavam sendo frequentes e necessitavam de acordos diplomáticos, emergiu a necessidade da criação de um órgão internacional que se apropriasse do futebol e o gerisse. Dessa maneira, mediante reuniões periódicas entre países europeus, fundou-se a FIFAⁱⁱ em 1904 (VOSER, 2006; GIULIANOTTI, 1999).

Os mesmos autores descrevem a FIFA como o órgão máximo que rege todos os ditames do futebol, como organização de torneios, federações, competições, transações de jogadores do mundo todo. Dentre suas atribuições, estão a gestão, a organização e a execução das leis empregadas no futebol. A criação da FIFA teve um efeito potencializador para o tratamento do futebol de forma profissional e comercial. A atribuição de valores pagos aos jogadores pela sua produtividade é regularizada por ela. Anteriormente, apenas alguns atletas recebiam dinheiro. Com o envolvimento do capital no tratamento com os atletas, a troca de equipes pelos jogadores passou a ser muito comum. A partir da exigência de resultados e maior visibilidade que as equipes de futebol passaram a ter, manifestou-se a tendência de qualificação dos times para obtenção de melhores resultados.

O capital e o mercado se atrelam ao futebol europeu como forma de dar maior evidência e qualificação às equipes que, por sua vez, ressaltam as cidades e os países a que pertencem. Dessa maneira, o futebol, elevado a representante e símbolo de governabilidade de estados, cidades e países, recebe investimentos de seus representantes, que associam a eficácia da equipe ao modelo de gestão de sucesso (ZAINAGHI, 1998).

O futebol brasileiro: um olhar sobre a configuração do esporte no país

Nesta sessão foram tomados como material de análise os documentos provenientes de Anjos (2007); Arruda e Piletti (1997); Brito (2001); Caldas (1990); Daolio (2000); Guedes (1998); Máximo (1999); Souza (1996); Rodrigues (2004); Weineck (2003); e Zainaghi (1998). Foi possível apresentar nesta sessão o processo de construção do jogador amador em

profissional no Brasil; assim como os efeitos dos investimentos das técnicas e procedimentos no esporte do futebol, responsáveis por estruturá-lo com as características de alto rendimento. A partir da análise, foi possível demonstrar a configuração da vida do sujeito jogador de futebol em um capital a ser investido: o controle das ações para delimitação da prática; a busca pela otimização de desempenho e a responsabilização do sujeito para se autoaperfeiçoar usando padrões e medidas de análise para a profissionalização mais qualificada.

Rodrigues (2004) subdividiu os caminhos do futebol no Brasil em cinco fases. A primeira delas, demarcada entre 1894 e 1904, possui características de apropriação da prática. A segunda se desenvolveu de 1905 a 1933 e tem como característica o amadorismo. A terceira fase, denominada de profissionalização, ocorreu entre 1933 e 1950. A quarta, se refere ao período de reconhecimento e consolidação do futebol como identidade nacional e estendeu-se de 1950 a 1970. A última é demarcada pela modernização do futebol, que se configura no período após 1970 e conta com o crescimento de recursos financeiros, da tecnologia e dos saberes que passam a fazer do futebol um objeto de estudo para campos de conhecimento científico.

Embora controversos e passíveis de contestações, a data e o protagonista da introdução do esporte no Brasil registra o ano de 1894, por meio de Charles Miller. Embora esses dados tenham sido reconhecidos, há registros de funcionários holandeses, ingleses e escoceses que, ao desembarcarem nos portos brasileiros por volta do ano de 1880, começaram a praticar o futebol em cidades litorâneas e foram responsáveis pela criação de times e ligas amadoras. Como exemplo de times criados pelos funcionários, tem-se o registro da Ferroviária de São Paulo e o esporte clube Rio Grande, do Rio Grande do Sul, entre outros (MÁXIMO, 1999).

Entretanto, apesar da controvérsia sobre os dados iniciais da chegada e do pioneiro, Brito (2001) afirma que sabe-se que eram praticados diferentes tipos de futebol: o das elites, jogado nos clubes sociais, tendo Charles Miller como principal nome; o das fábricas, trazido pelos funcionários europeus que no país se instalavam; e o das periferias, praticado por brasileiros excluídos pela elite e pelos funcionários até então (ANJOS, 2007).

Colaborando para expansão do futebol no país, principalmente dando aos excluídos a possibilidade de conhecimento do esporte, destaca-se a criação da imprensa esportiva e a efetivação do seu discurso até as três primeiras décadas do século passado (MÁXIMO, 1999).

Caldas (1990) afirma que, com a ampla divulgação nas rádios e jornais, os times provenientes dos clubes sociais e das fábricas passaram a ter seus nomes divulgados nacionalmente e, como estratégia de consolidação de suas marcas, olhou-se o futebol como fonte de divulgação e de representação de serviços. Como observaram que o futebol atraía a

atenção de mais pessoas, as instituições começaram a cobrar ingresso para as partidas realizadas nas fábricas e nos clubes. A divulgação pela mídia produz o futebol-espetáculo. E passa de uma atividade de prática de lazer para a de venda e consumo como, por exemplo, a venda de ingressos, a comercialização da marca dos clubes e a associação dos jogadores aos produtos dessas marcas.

O futebol, que possuía características predominantemente europeias, de disputa de força, passa a ser apropriado pela população brasileira, que contribui com uma maneira própria de jogo. Tal apropriação faz com que o futebol ganhe em habilidade, ginga e técnica. O destaque à apropriação hábil dos jogadores faz com que o esporte do futebol no Brasil ganhe maior visibilidade e atenções especiais de técnicos estrangeiros. A imprensa esportiva, utilizando-se de um discurso biológico-médico, atribui a apropriação técnica dos praticantes brasileiros à maneira de o negro jogar (DAOLIO, 2000).

A imprensa faz uso do discurso biológico associado à raça para explicar a qualificação e a diferenciação na maneira de se praticar o futebol vindo da Europa. É direcionada ao negro a apropriação qualificada do futebol como referência ao movimento de popularização do esporte no país, em uma clara manifestação da sobrepujação da maneira brasileira popular de se apropriar do esporte. O negro é ressaltado como principal fator de aperfeiçoamento técnico, por ser a raça que formalizava outra maneira de praticar o futebol, de modo diferente da elite, e por abranger grande parte da população do país, que passou a inteirar-se do esporte (DAOLIO, 2000).

Produz-se o discurso reducionista de futebol-arte, o qual elege o negro como ator da qualificação técnica na sua prática. Por meio desse discurso, emerge a vontade e a necessidade de agregar maiores talentos às equipes de elite, para que estas possam ser mais valorizadas e reconhecidas. O papel do jogador de futebol não aristocrático e não assalariado encontra espaço no futebol de elite como parte do refinamento e aperfeiçoamento na forma de se jogar futebol. É a partir de então que o significado de jogador no Brasil se modifica. De membro da elite e estrangeiro, o futebol passa a ser conhecido como prática esportiva do povo (DAOLIO, 2000; MÁXIMO 1999; CALDAS, 1990).

Com a admiração ante essa forma de jogar futebol, os responsáveis pelas equipes desejavam contratar os jogadores populares, que estavam em franca emergência, como garantia de qualificar as equipes. Os jogadores “contratados”ⁱⁱⁱ passavam a receber dinheiro a cada jogo que participavam e, logo após, retornavam para suas equipes de periferia habituais (RODRIGUES, 2004). Campeonatos municipais e regionais se formalizaram em alguns estados brasileiros, e o artifício da contratação temporária de jogadores pelas equipes passou a

ser cada vez mais constante. Essa fase do futebol brasileiro é conhecida como profissionalismo marrom, caracterizada pela contratação de jogadores de origem popular pelos clubes de elites e de fábricas (CALDAS, 1990). O profissionalismo marrom contribuiu decisivamente para legitimar e criar a identidade do futebol no Brasil e para acelerar o processo de reconhecimento do futebol como forma de trabalho.

A regulamentação do jogador de futebol como profissional, ocorrida em 1933, feita pelo governo de Getúlio Vargas, teve dispositivos originados por algumas situações importantes. O profissionalismo marrom, o tratamento precário dos atletas por parte dos donos dos clubes e o fato de muitos atletas estarem deixando o Brasil para jogar em outros países da América Latina, já que o esporte era regulamentado nestes países (ZAINAGHI, 1998).

Essa fase de consolidação do futebol brasileiro produziu outro modo de vida profissional para o jogador. Até então o praticante não podia dedicar-se exclusivamente ao futebol, pois necessitava de outra ocupação para prover o seu sustento. O amadorismo que rotulava o esporte e os jogadores passa a ser sobrepujado pelo entendimento de profissional. A dedicação ao aperfeiçoamento atlético é recompensada e paga, isto é, o capital se entrelaça ao desempenho atlético, contribuindo para a percepção do jogador como produto de venda no mercado de consumo. Surge um regime de dedicação para otimização das variáveis envolvidas na *performance* atlética. Além disso, o futebol ganha seus órgãos responsáveis pela organização de competições e de regulação de jogadores. Quanto ao entendimento do jogo, há um salto de qualidade muito grande, pois os atletas, ao se dedicarem exclusivamente à prática, desenvolvem maior habilidade atlética, maior eficácia e desempenho em suas posições.

O futebol brasileiro, com o discurso de profissionalização, produz jogadores e técnicos melhor preparados para elevar o esporte a um patamar mais elevado. Passou-se, a partir do aperfeiçoamento e otimização do esporte e dos profissionais, a buscar a consolidação internacional. As realizações e demarcações internacionais vieram nas copas de 1958, na Suécia, e em 1962, no Chile. Para Zainaghi (1998), as conquistas representaram a solidificação do futebol do Brasil no mundo e, conseqüentemente, a afirmação e a apropriação do futebol brasileiro como futebol-arte. Nas atribuições políticas, associaram-se as vitórias à imagem de nação batalhadora, criativa, que se esforça para conseguir seus objetivos. A característica da ginga, técnica e improviso foi demarcada pelas vitórias e pelo jeito de jogar em uma clara referência à grande quantidade de jogadores negros e pessoas comuns, como

quaisquer outras, pertencentes ao selecionado brasileiro (MÁXIMO, 2000; ZAINAGHI, 1998).

Como a conquista no campo esportivo gerou reconhecimento do país no plano governamental internacional, os governantes passaram a utilizar a imagem de sucesso do futebol, vinculando-a ao êxito administrativo do país. O discurso do campo político elevava o futebol como imagem da política governamental, representado como uma nação forte, trabalhadora e bem administrada. Havia a tentativa de focalizar o olhar da população no futebol como forma de mascarar os problemas do país, reforçando maior envolvimento do futebol com a política administrativa (SOUZA, 1996).

O Brasil necessitava de uma política externa mais forte, que atraísse investidores para a consolidação da nação. Com todas as dificuldades na transição dos governos de Juscelino, Jânio Quadros e Jango, as conquistas no campo esportivo fizeram com que o futebol fosse destacado como maior produto do país. Mascaravam-se os problemas internos, escondendo-os inclusive da própria população, com o direcionamento do êxito político ao futebol. Jogadores são nomeados embaixadores do país, tendo suas imagens hiperdimensionadas a superastros. O futebol evolui de simples prática esportiva a uma grande força representativa da nação. Consolida-se a imagem de futebol-arte pelos jogadores brasileiros (BRITO, 2001). Produz-se um esporte de alta visibilidade e com atores transformados de excluídos socialmente para protagonistas da nação. Produzem-se super-heróis que refletem a capacidade, a força e o caráter do país.

Nos anos de 1960 ao final da década de 1970, em pleno período militar, é quando se realizam os maiores investimentos no campo estrutural do país. Aproveitando-se do sucesso obtido nas copas do mundo anteriores, o governo manteve a política de privilegiar o futebol como seu maior símbolo (BRITO, 1996). A profissão de jogador de futebol foi legalizada no Decreto 53.820, de 1964. Tal medida outorgava o direito a 15% do valor de transação aos jogadores, dando-lhes direito a férias remuneradas, seguro, contrato de trabalho e garantia de 60 horas de intervalo entre partidas oficiais. Em decorrência dos dois títulos, o decreto visava oferecer melhores condições aos jogadores para se estabelecerem, agraciá-los pelas conquistas, fazer com que pudessem render o máximo possível e desviar a atenção da problemática vivida no país com a repressão que se instaurava (ZAINAGHI, 1998). Produz-se e eleva o futebol ao primeiro plano político na nação. Articula-se a competência dos atletas ao fato de a nação ser forte e competente.

O futebol, enfocado como carro-chefe do governo brasileiro, assim como as obras e os avanços tecnológicos, colaboraram com o crescimento rápido da economia no período

conhecido como milagre econômico (ARRUDA e PILETTI, 1997). Dessa forma, o governo tentava esconder a violência e a pobreza, mantendo o povo em ordem, maquiando as atrocidades, o aumento da inflação e o desperdício de dinheiro público (MÁXIMO, 1999). Tentou-se perpetuar o ufanismo advindo das conquistas das duas primeiras copas do mundo, retratando o fortalecimento da nação como geradora de uma vida melhor para todos e produtora de ídolos internacionais.

Os investimentos no Brasil, conforme nos traz Guedes (1998), colocaram na configuração do futebol as mesmas intervenções tecnológicas e científicas utilizadas para o aperfeiçoamento e o crescimento econômico-social do país. Na década de 1970, houve um grande investimento de alguns campos de saber sobre o domínio esportivo, como, por exemplo, a Educação Física, a Psicologia e a Medicina. E estes contribuíram para a formalização de um novo objeto de aplicação, ou seja, a construção do sujeito jogador de futebol profissional. Esses campos de saber apropriaram-se do atleta como objeto de estudo, visando a aperfeiçoá-lo e otimizar seu desempenho. Sentidos de diferentes campos discursivos foram sendo significados e introduzidos no treinamento esportivo. Nas palavras de Matwejew (apud WEINECK, 2003), o treinamento atlético evoluiu de simples prática esportiva para “preparo físico, técnico-tático, intelectual, psíquico e moral do atleta através de exercícios físicos” (p.18).

Nesse sentido, estudos produzidos pelos saberes que se enquadram no conhecimento da modernidade quantificam e classificam os resultados do desempenho dos atletas, atribuindo ao futebol o selo de produto da Era Moderna, conforme menciona Rodrigues (2004). O desenvolvimento físico, a preocupação com o corpo, a formação de atitudes que contribuem para a saúde são reflexos desses investimentos no progresso e na normatização desse esporte.

Por meio do discurso de consumo, tecnicismo e profissionalismo envolvidos com o futebol no momento atual, ele está vinculado ao aperfeiçoamento científico, que estabelece as racionalizações do jogo, as padronizações táticas, o aperfeiçoamento físico, mental e orgânico contínuo dos atletas. Produz-se um mercado de profissionais remunerados, envolvidos na parte diretiva dos clubes e de desenvolvimento das capacidades dos atletas. Emergem e se consolidam a cada dia mais, as figuras dos preparadores físicos, nutricionistas, médicos, psicólogos e gerentes de equipes, que passam a ser disputados pelo mercado desse esporte para otimizarem e refinarem o produto final. Dessa forma, os investimentos fundamentados pelas tecnologias e respaldados pelo saber científico passam a dominar sobre o modo de compreender o futebol e o jogador profissional.

Patrocinadores e empresários, em virtude dessa configuração, tomam o jogador como foco de investimentos e passam a controlar suas ações e interesses. O jogador, além de interessar ao clube pela aptidão atlética, passa a interessar pela imagem, pelas conquistas no plano pessoal e afetivo, por sua história de vida, enfim, tudo o que possa contribuir com a vendagem e a comercialização.

Últimas considerações

O futebol, seus praticantes e toda heterogeneidade de atores envolvidos nessa rede de relações de saber e poder, constituem diferentes formas de governar a vida, tanto sobre si mesmo quanto sobre os outros, em distintos recortes temporais. Como pode ser visto ao longo do texto, de prática de lazer, passando para atividade de demarcação de soberania de nação; de manobra pedagógica escolar, para aproximação de classes sociais; de disciplinarização do esporte com fins de conter a agressividade e o cansaço dos trabalhadores, para influenciar na produção de seus trabalhos; de esporte de elite, para apelo e prática social; de prática da barbárie, para o uso da alta nobreza. Enfim, o esporte com a bola que partiu dos caminhos da história como uma prática individual, de ação do corpo contra a bola, consolidou-se nos interstícios da história articulado aos aspectos políticos, econômicos e sociais que regem os interesses individuais e coletivos das nações.

Desde a regulamentação, o futebol moderno e seus profissionais, imbricados pelo discurso do capital, do consumo e da política, se tornaram principais objetos de consumo e de comercialização das nações e pelas nações: não é sem motivo que o futebol é o esporte mais praticado no mundo, na atualidade, e que registra um dos maiores movimentos econômicos ao redor do planeta. A partir desse imperativo financeiro, os investimentos técnico-científicos no aprimoramento, refinamento e otimização dos atores envolvidos no esporte, fazem com que o jogo e seus praticantes se aperfeiçoem para dar conta muito além das esferas esportivas.

O jogador de futebol profissional, nos moldes atuais, deve, além de desenvolver as habilidades e competências físicas, técnicas, táticas e emocionais, aprimorar potencialidades de gestão, de marketing, de política para que possa ocupar um lugar na esfera esportiva como atleta de excelência. O esporte, demarcado pelo discurso atual, tem contribuído para a conformação de especialidades e especificações de mais profissionais responsáveis por fazer o futebol parecer mais profissional. Agentes e empresários de atletas, advogados esportivos, psicólogos do esporte, nutricionistas esportivos, preparadores físicos particulares e gestores do esporte, entre outros, fazem parte da remodelação e do aparecimento de novas variáveis

intervenientes do refinamento técnico envolvido na manutenção do esporte. Pela configuração atual, todos os envolvidos na maquinaria de fazer futebol se fazem protagonistas: governo, empresas, mídia, atletas, profissionais, torcedores e sujeitos que são diariamente, de uma forma ou de outra, atravessados pela forma de ser jogador de futebol profissional.

THE DISCURSIVE PRACTICES AND THE PRODUCTION OF PROFESSIONAL SOCCER

Abstract

This article aims to map the ways how the practice with the ball were being appropriate in different times and set into the production of soccer structured in contemporary society. To understand the format and construction of Soccer and its practitioners was based on Foucault genealogy inspiration analysis. As part of the results, it was possible to see how the political-economic-social discourses contributed to the production of soccer going beyond athletics and joining to guidelines on executive government. Likewise, the athlete is configured in a subject with multiple skills to cope with the demands involved produced by the professionalism discourse.

Keywords: Soccer. Professionalisation. Genealogy.

LAS PRACTICAS DISCURSIVAS Y LA PRODUCCIÓN DEL FÚTBOL PROFESIONAL

Resumen

Este artículo tiene como objetivo cartografiar cómo la práctica con el balón estuviera siendo adecuados en diferentes recortes temporales para establecer la producción del fútbol como está estructurado en la sociedad contemporánea. Para entender el formato y la construcción de fútbol y sus practicantes se basó en un análisis de inspiración foucaultiana Pedigree. Como parte de los resultados, es posible darse cuenta de los discursos políticos, económicos y sociales contribuyeron a la producción de balones de fútbol perpassando atlético y directrices imbricando en el gobierno ejecutivo. Del mismo modo, el atleta está configurado en un sujeto con múltiples especialidades para satisfacer las demandas involucradas en funciones producidas por el discurso de la profesionalización.

Palabras-clave: Fútbol. Profesionalización. Genealogía.

Referências

- ANJOS, J. L dos. *Futebol no Sul: A história da organização e resistência étnica. Pensar a prática*. Jan/jun. p. 33-50, 2007.
- ARRUDA, J. J. A. ; PILETTI, N. *Toda a história: História geral e História do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- AMBRÓSIO, A. Governamentalidade neoliberal: disciplina, biopolítica e empresariamento da vida. *Kínesis*, v. IV, n° 08, p. 40-60, Dez 2012.
- ANTUNES, F.M.R.F. “*Com brasileiro não há quem possa!*” *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: ed. UNESP, 2004.
- BRITO, N. GOULART, F. *Bolsa de Valores e Futebol: Uma tentativa de implantação de um capitalismo do povo no Brasil? (1970/1971)*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Porto Alegre, 2001.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- COSTA, M. R. (Org.). *Futebol: Espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP: São Paulo, dossiê futebol*, n. 22, jun/ago, p. 10-17, 1994.
- DAMO, S.A. *Do dom a profissão. Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Pós-graduação em Antropologia Social, 2005.
- DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P. C. R. (Org). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DREYFUS, H. RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber* (15a ed). São Paulo: Edições Graal, 2003.
- _____. *Microfísica do poder*. 21ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 2005a.
- _____. *A arqueologia do saber*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b.
- _____. *Nacimiento de la biopolítica. Curso en el Collège de France (1978-1979)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

- GIULIANOTTI, R. *Football: a sociology of the global game*. Cambridge: Polity press, 1999.
- GUEDES, S. L. Subúrbio: Celeiro de craques. In Damatta, R.. *Universo do Futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol*. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- GUERRA, M. O. O jogo da moda: a transformação do futebol em negócio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro. Anais: *Intercom*, 28, 2005.
- HELAL, R. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LEONCINI, M. P. ; SILVA, M. T. da. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. *Gestão e Produção*. v. 12, n.1, jan-abr, p. 11-23, 2005.
- MÁXIMO, J. Memórias do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: *Estudos Avançados*, v. 13, n. 37, ano 9, p. 179- 188, 1999.
- MELO, V. A. Futebol: que história é essa? In: CARRANO, P. C. R. (Org). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- PILOTTO, F.M. A fabricação de ídolos esportivos. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, n.23, maio/jun/jul, p. 1-17, 2003.
- RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do Poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- RIGO, L.C. *Memórias de um futebol de fronteiras*. Pelotas: Editora UFPel, 2004.
- RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, n.11, ano 6, p. 260-299, 2004.
- SILVA, R. N. Notas para uma genealogia da Psicologia Social. *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, mai/ago, p. 12-19, 2004.
- SOUZA, M. A. “A nação em chuteiras”: *Raça e masculinidade no Futebol brasileiro*. Brasília. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- VOSER, R. C. et al. *Futebol: História, técnica e treino de goleiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- WEINECK, J. *Treinamento ideal*. 9 ed. São Paulo: Manole, 2003.
- ZAINAGHI, D. S. *Os atletas profissionais de futebol no direito do trabalho: Lei n 9.615/98, “lei Pelé”*. São Paulo: Ltr, 1998.

ⁱ Este artigo é proveniente da dissertação de mestrado, sob financiamento da CAPES, intitulada: Daou, Marcos. Das práticas de esporte com bola à configuração do futebol na sociedade contemporânea. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

ⁱⁱ A Fédération Internationale de Football Association (FIFA) foi fundada em 1904 por sete federações europeias de futebol, com o objetivo de tratar a relação e a organização de jogos entre esses países. França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Espanha, Suécia e Suíça foram os primeiros membros. Após um congresso internacional, em 1905, em Paris, para tratar de relações europeias, Inglaterra, Áustria, Alemanha Ocidental e Hungria se unem ao órgão máximo. Ver www.fifa.com.

ⁱⁱⁱ Utilizou-se o termo contrato e contratação para manifestar a manobra de agregar jogadores de ligas paralelas de futebol aos elencos das equipes de elite, mesmo sem valor jurídico, legislativo, pois não havia leis que representassem este ato no futebol no começo do século XX.

Data de recebimento: 30/06/2013

Data de aceite: 26/06/2014

Sobre os autores:

Marcos Daou é Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Docente do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. Endereço eletrônico: m.daou@hotmail.com

Neuza Maria de Fátima Guareschi é Doutora em Educação pela University of Wisconsin-Madison (1998); Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: nmguares@gmail.com

Marcos Adegas de Azambuja é Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Professor adjunto do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. Endereço eletrônico: m_adegas@yahoo.com.br